



Moral e Revolução

LEÓN TROTSKY

Livro de Domínio Público



Moral e Revolução

LEÓN TROTSKY

Livro de Domínio Público



Moral e Revolução

LEÓN TROTSKY

Livro de Domínio Público

Moral e Revolução

Leon Trotski

1936

Fonte: TheMarxistsInternetArchive

Moral e Revolução - Capítulos 10 a 16

Eflúvio Moral

Nos períodos de reação triunfante, vêm-se os senhores democratas, social-democratas, anarquistas e outros similares representantes da esquerda segregar moral em dose dupla, da mesma maneira que as pessoas transpiram mais quando estão com medo. Repetindo, à sua maneira, os dez mandamentos ou o sermão da montanha, estes moralistas dirigem-se menos à reação triunfante do que aos revolucionários perseguidos, cujos "excessos" e cujos princípios "amorais" "provocam" a reação e fornecem-lhe uma justificação moral. Haveria, entretanto, um meio elementar porém seguro para evitar a reação: esforço interior, a regeneração moral. Amostras de perfeição ética são distribuídas gratuitamente em todas as redações interessadas.

Essa pregação tão grandiloquente quanto falsa tem a sua base social de classe na pequena burguesia intelectual. A sua base política reside na impotência e no desespero diante da ofensiva da reação. A base psicológica no desejo de superar o sentimento da própria inconsistência usando uma barba postiça de profeta.

O procedimento preferido pelo filisteu moralizante consiste em identificar a conduta da revolução com a da reação. Analogias formais garantem o sucesso desse procedimento. O czarismo e o bolchevismo tomam-se gêmeos. Podem-se também descobrir gêmeos no fascismo e no comunismo. Pode-se redigir uma lista das características comuns ao catolicismo - ou mais especialmente ao jesuitismo - e ao comunismo. Da mesma maneira, Hitler e Mussolini, por seu turno, valendo-se de um método perfeitamente análogo, demonstram que o liberalismo, a democracia e o bolchevismo não são senão manifestações diversas de um único e mesmo mal. A ideia de que o estalinismo e o trotskismo "no fundo são idênticos" encontra cada vez maior aceitação, pondo de acordo liberais, democratas, católicos devotos, idealistas, pragmatistas, anarquistas e fascistas. Se os estalinistas não têm possibilidade de se unir a essa "Frente Popular" W é por mero acaso: estão absorvidos no extermínio dos trotskistas.

Estas identificações e semelhanças são caracterizadas essencialmente pela completa ignorância das bases materiais das diversas tendências - isto é, a sua natureza de classe - e, por conseguinte, do seu papel histórico objetivo. Em ver disso, as diversas tendências são avaliadas e classificadas de acordo com indícios exteriores e secundários, mais amiúde de acordo com a atitude em relação a este ou aquele princípio abstrato ao qual o classificador atribui, profissionalmente, um significado especial. Para o Papa, os maçons, os darwinistas, os marxistas e os anarquistas são irmãos no sacrilégio, porque todos eles repudiam o dogma da imaculada concepção. Para Hitler, o liberalismo e o marxismo são gémeos, posto que ignoram ambos "o sangue e a honra". Gémeos são, para o democrata, o racismo e o bolchevismo porque recusam inclinar-se perante o sufrágio universal. E assim por diante.

Sem dúvida as correntes assim agrupadas possuem vários elementos em comum. Mas o desenvolvimento da espécie humana não se esgota nem com o sufrágio universal, nem com o "sangue e a honra", nem com o dogma da imaculada concepção - eis a realidade. O processo histórico é, sobretudo, luta de classes, e acontece que classes diversas valem-se, com objetivos diversos, de meios análogos. Nem poderia ser de outra maneira. Os exércitos beligerantes são sempre mais ou menos simétricos - se não houvesse nada de comum na sua maneira de combater, não poderiam sequer encontrar-se.

O pequena comerciante ou o pequeno proprietário agrícola que, na sua ignorância, se encontrem entre dois fogos, sem compreender as causas nem o alcance da batalha travada entre proletariado e burguesia, devotam igual ódio a ambas as partes em luta. E quem são todos estes moralistas democráticos? Os ideológicos das camadas intermediárias que caíram - ou temem cair - entre os dois fogos. Os profetas desse género são sobretudo caracterizados pelo seu isolamento dos grandes movimentos da história, pelo conservadorismo retrógrado de seu pensamento, pela mediocridade satisfeita e pela pusilanimidade política mais primitiva. O que os moralistas aspiram é, sobretudo, que a história os deixe em paz com seus livros, com suas revistinhas, seus assinantes, seu bom senso e suas regras. Mas a história não os deixa em paz: aperta-os ora pela esquerda ora pela direita. Eis por que revolução e reação, czarismo e bolchevismo, fascismo e comunismo, stalinismo e trotskismo são gémeos! Quem duvide, pode apalpar nos crânios dos moralistas os galos simétricos de direita e de esquerda.

Amoralismo Marxista e Verdades Eternas

A acusação mais comum - e a que mais impressiona - dirigida ao "amoralismo" bolchevista baseia-se na suposta máxima jesuítica que se atribui ao bolchevismo: o fim justifica os meios. E disto é fácil chegar à seguinte conclusão: dado que os trotskistas, como todos os bolcheviques (ou marxistas), não admitem os princípios da moral, não há uma diferença substancial entre o trotskismo e o stalinismo. Como queria se demonstrar.

Um periódico americano, aliás suficientemente vulgar e cínico, realizou uma pequena pesquisa sobre a moral do bolchevismo, destinada, como de hábito, a servir, simultaneamente, à moral e à publicidade. O inimitável H.G. Wells, cuja esfuziante fantasia só é superada pela sua enorme presunção, apressou-se em declarar-se solidário com os esnobes reacionários do Common Sense. O que era de se esperar. Mas, mesmo aqueles que responderam à enquetes tomando a defesa do bolchevismo, não o fizeram sem tímidas reservas. "Os princípios marxistas são certamente muito maus, todavia, há entre os bolcheviques homens excelentes" (Eastman). Na verdade, "amigos" desse gênero são até piores que os inimigos.

Se quiséssemos levar a sério esses senhores que nos censuram, deveríamos, antes de tudo, perguntar-lhes quais são seus princípios morais. Pergunta que ficaria provavelmente sem resposta. Admitamos que, nem o fim pessoal, nem o fim social possam justificar os meios. Seria, então, necessário procurar outros critérios externos à sociedade, tal como foi plasmada pela história, e fora dos fins determinados pelo seu desenvolvimento. Onde? No céu, já que não é possível sobre a terra. Os padres, desde longa data, descobriram na revelação divina os infalíveis cânones da moral. Os pequenos padres laicos falam das verdades eternas da moral, sem indicar a fonte original. Temos o direito de concluir que, se essas verdades são eternas, elas são anteriores ao aparecimento do pitecantropo e mesmo à formação do sistema solar. Mas então de onde vêm elas? Sem Deus, a teoria da moral eterna não se agüenta de pé.

Os moralistas de modelo anglo-saxônico, na medida em que não se contentam com seu utilitarismo racionalista, - a ética do burguês contabilista, - apresentam-se como discípulos conscientes ou inconscientes do visconde de Shaftesbury que, nos inícios do século XVIII, deduziu os juízos morais de um "senso moral" particular, inato no homem. Posta acima das classes, a moral leva inevitavelmente à admissão de uma substância particular, de um "senso moral" absoluto, de uma "consciência" que não é outra coisa senão um tímido pseudônimo filosófico de Deus. A moral independente dos "fins", isto é, da sociedade - quer seja deduzida das verdades eternas quer da "natureza humana" - não é, no final das contas, senão uma modalidade da "teologia natural". O céu continua sendo a única posição fortificada de onde se pode combater o materialismo dialético.

No fim do século passado formou-se na Rússia uma inteira escola "marxista" (Struve, Berdiaef, Bulgakov e outros) que pretendia completar a doutrina de Marx ajuntando-lhe um princípio moral autônomo, superior às classes. Seus adeptos começaram naturalmente com Kant e seu imperativo categórico. Que fim tiveram? Struve é hoje um ex-ministro do barão Wrangel - é um fiel filho da igreja. Bulgakov virou padre ortodoxo. Berdiaef interpreta o Apocalipse em várias línguas. Metamorfoses tão inesperadas não se explicam pela "alma eslava" - mesmo porque a alma de Struve era germânica - mas pela grandeza da luto social na Rússia. A tendência fundamental dessa metamorfose é, na realidade,

internacional.

O idealismo filosófico clássico, na medida em que tendia a secularizar a moral, isto é, a emancipá-la da sanção religiosa, constituiu um imenso progresso (Hegel). Mas, exilada para o céu, a moral passou a necessitar de raízes terrenas. A descoberta dessas raízes foi uma das tarefas do materialismo. Depois de Shaftesbury, tivemos Darwin; depois de Hegel, Marx. Invocar em nossos dias as "verdades eternas" da moral significa tentar fazer retroceder o pensamento. O idealismo filosófico não é mais do que uma etapa: da religião ao materialismo, ou, pelo contrário, do materialismo à religião.

"Os Fins Justificam os Meios"

A ordem dos jesuítas, fundada na primeira metade do século dezesseis para combater o protestantismo, nunca ensinou que qualquer meio, mesmo o mais delituoso, de acordo com a moral católica, seja admissível, contanto que leve ao "fim", isto é, ao triunfo do catolicismo. Essa doutrina contraditória e psicologicamente inconcebível foi malignamente atribuída aos jesuítas pelos seus adversários protestantes - e às vezes católicos - que, por sua vez, pouco se preocupavam com escrúpulos na escolha dos meios para atingir seus próprios "fins". Os teólogos jesuítas - preocupados como os de outras escolas, com o problema do livre arbítrio - ensinavam na realidade que o meio, considerado em si mesmo, pode ser insignificante, mas que a sua justificação ou condenação moral depende do que se procura alcançar. Assim, um tiro de arma de fogo é, em si, um fato sem importância: disparado sobre um cão raivoso que tenta morder uma criança é um ato louvável; disparado para matar ou praticar violência é um crime. Os teólogos da Companhia de Jesus não queriam dizer nada mais do que estes lugares comuns. Quanto à sua moral prática, os jesuítas não foram piores do que os padres e monges das outras ordens; aliás, foram mesmo superiores. De qualquer maneira, deram prova de maior tenacidade, de maior audácia e maior perspicácia. Os jesuítas constituíam uma organização militante, fechada, rigorosamente centralizada, agressiva, perigosa não só para os seus inimigos, mas também para os seus aliados. Pela sua psicologia e pelos seus métodos de ação, os jesuítas da época "heróica" distinguiram-se do padre comum, como os guerreiros da Igreja se distinguem dos que comerciam à sua sombra. Não temos motivos para focalizar um ou outro. Mas seria totalmente indigno considerar o guerreiro fanático com os olhos do comerciante estúpido e preguiçoso.

Permanecendo no plano das comparações puramente formais ou psicológicas, pode-se dizer que os bolcheviques estão para os democratas e social-democratas de todos os matizes, como os jesuítas estavam para a pacífica hierarquia eclesiástica. Em comparação com os marxistas revolucionários, os socialdemocratas e os centristas parecem retardados mentais ou, comparados aos médicos, fazem a figura de curandeiros. Não há uma só questão que eles

tenham indagado a fundo. Crêem na potência dos exorcismos e excluem pavidamente as dificuldades, esperando pelo milagre. Os oportunistas são os pacíficos mercadores da idéia socialista, enquanto os bolcheviques são os militantes convictos. Donde o ódio para com os bolcheviques e as calúnias com que os cobrem aqueles que possuem de sobra seus mesmos defeitos - condicionados pela história - sem possuir uma só das suas qualidades.

A comparação entre jesuítas e bolcheviques, ainda assim, fica de todo unilateral e superficial; pertence mais à literatura do que à história. Considerando os caracteres e os interesses das classes que os apoiavam, os jesuítas representavam a reação e os protestantes o progresso. Os limites desse "progresso" exprimiam-se, por sua vez, de forma imediata, na moral dos protestantes. A doutrina de Cristo "purificado" não impediu em nada o burguês cidadão que era Lutero de pregar o extermínio dos camponeses rebeldes, "esses cães raivosos". O doutor Maninho considerava evidentemente que "os fins justificam os meios", muito antes que essa máxima fosse atribuída aos jesuítas. Por sua vez, os jesuítas, rivalizando com os protestantes, adaptaram-se cada vez mais ao espírito da sociedade burguesa e dos três votos - pobreza, castidade e obediência - conservaram apenas o último, ainda assim de forma bastante atenuada. Do ponto de vista do ideal cristão, a moral dos jesuítas caiu tanto mais baixo quanto mais eles cessaram de ser jesuítas. De guerrilheiros da Igreja passaram a ser burocratas e, como todos os burocratas, uns pilantras de primeira.

Jesuitismo e Utilitarismo

Estas breves observações talvez bastem para demonstrar que é necessária boa dose de ignorância e de mediocridade para tomar a sério a contraposição do princípio "jesuítico" - "o fim justifica os meios" - com outro, inspirado numa moral de aparência mais elevada, segundo o qual cada "meio" vem grampeado com uma etiqueta moral como as mercadorias nos supermercados. Afinal, é interessante que o bom senso do filisteu anglo-saxônico consiga indignar-se com o princípio "jesuítico", apesar de continuar a inspirar-se no utilitarismo tão característico da filosofia britânica. Ora, o critério de Bentham e John Mill - "a maior felicidade possível para o maior número possível" - significa justamente: morais são os meios que servem ao bem comum, fim supremo. Assim, a fórmula filosófica do utilitarismo anglo-saxônico coincide perfeitamente com o princípio "jesuítico" - "os fins justificam os meios". O empirismo, como vemos, existe neste mundo para nos libertar da necessidade de conjugar os dois extremos de um raciocínio.

Herbert Spencer, em cujo empirismo Darwin inoculou a idéia de "evolução", ensinava que a evolução da moral parte das "sensações" e chega às "idéias". As sensações impõem o critério da satisfação imediata, enquanto as idéias permitem ao indivíduo guiar-se pelo critério da satisfação futura mais durável e elevada. O critério moral continua sendo a "satisfação" ou a "felicidade". Mas seu conteúdo é

alargado e aprofundado segundo o grau da "evolução". Spencer demonstra assim, com os métodos de seu utilitarismo "evolucionista", que o princípio "o fim justifica os meios" não tem nada de imoral.

Todavia, seria ingênuo esperar deste "princípio" abstrato uma resposta à questão de natureza prática: o que se pode e o que não se pode fazer? Adernais, se o fim justifica os meios, cabe a pergunta: e o que justifica o fim? Na vida prática, como no processo histórico, os fins e os meios trocam incessantemente de lugar. A máquina em construção é o "fim" da produção, para transformar-se, quando instalada, no "meio" dessa produção. A democracia é, em certas épocas, o "fim" perseguido pela luta de classes, da qual transforma-se depois em "meio". Sem ter nada de imoral, o princípio atribuído aos jesuítas não resolve, todavia, o problema moral.

O utilitarismo "evolucionista" de Spencer deixa-nos também sem resposta, no meio do caminho, porque tenta, depois de Darwin, reabsorver a moral concreta, histórica, nas necessidades biológicas ou nos "instintos sociais" próprios da vida animal gregária, enquanto que a própria noção de moral nasce num ambiente dividido pelos antagonismos sociais, isto é, numa sociedade dividida em classes.

O evolucionismo burguês detém-se, paralisado pela impotência, no limiar da sociedade histórica, não querendo admitir que a luta de classes é a mola principal da evolução das formas sociais. A moral não é mais do que uma das funções ideológicas desta luta. A classe dominante impõe seus fins à sociedade e a habitua a considerar como imorais os meios que se chegam com esses fins. Esta é a função essencial da moral oficial. Ela procura "a maior felicidade possível", não em favor da maioria, mas de uma minoria cada vez mais restrita. Um regime semelhante, se baseando apenas na coerção, não duraria uma semana. O cimento da ética lhe é indispensável. A preparação desse cimento constitui a profissão dos teóricos e moralistas pequeno-burgueses. Podem eles reluzir em todas as cores do arco-íris, mas, no final das contas, não são mais que os apóstolos da escravidão e da submissão.

Sobre os "Preceitos Morais Universalmente Válidos"

Quem não quiser voltar a Moisés, Cristo ou Maomé, nem satisfazer-se com um ecletismo arlequinesco, deve reconhecer que a moral é um produto do desenvolvimento social; que ela não tem nada de imutável; que serve aos interesses da sociedade; que esses interesses são contraditórios; que, mais que qualquer outra forma ideológica, a moral tem um caráter de classes.

Não existem, então, preceitos morais elementares elaborados pelo desenvolvimento da humanidade e indispensáveis à vida de qualquer coletividade? Existem, sem dúvida, mas sua eficácia é muito incerta e limitada. As normas "obrigatórias para todos" são tanto menos eficazes quanto mais áspera se torna a luta de classes. A guerra civil, forma culminante da luta de classes,

suprime violentamente todos os laços morais entre as classes adversas.

Posto em condições "normais", o homem "normal" observa o mandamento: "não matará". Mas, se mata em condições de legítima defesa, o tribunal o absolve. Se, pelo contrário, cai vítima de uma agressão, seu assassino será condenado à morte. A necessidade de tribunais, bem como da legítima defesa, deriva do antagonismo dos interesses. No que se refere ao Estado, em tempos de paz ele se limita a legalizar a execução de simples indivíduos, para, em tempos de guerra, transformar o "não matará" em mandamento diametralmente oposto. Os governos mais "humanos", que em tempo de paz "detestam" a guerra, em tempo de guerra fazem do extermínio do maior número de homens o primeiro dever de seus soldados.

As normas da moral "geralmente reconhecida" conservam no fundo um caráter algébrico, isto é, indeterminado. Elas exprimem apenas o fato de que o homem, em seu comportamento individual, está ligado a certas normas gerais, já que pertence à sociedade. O "imperativo categórico" de Kant é a alta generalização dessas normas. Mas, não obstante a posição eminente que este imperativo ocupa no Olimpo filosófico, ele não tem nada, absolutamente nada, de categórico, porque não implica nada de concreto. É uma forma sem conteúdo.

A causa dessas normas universalmente válidas serem vazias é que, em todas as circunstâncias importantes, os homens têm um senso muito mais imediato e profundo de seu pertencer a uma classe do que de seu pertencer à "sociedade". As normas morais "obrigatórias para todos" adquirem, dentro da realidade, um conteúdo de classe, isto é, um conteúdo antagonístico. A norma moral é tanto mais categórica quanto menos é "obrigatória para todos". A solidariedade dos operários, especialmente nas greves ou por detrás das barricadas, é infinitamente mais "categórica" que a solidariedade humana em geral.

A burguesia - cuja consciência de classe é muito superior, pela sua coesão e intransigência, à do proletariado - tem interesse vital em impor sua moral às classes oprimidas. Por isso mesmo, as normas concretas do catecismo burguês são mascaradas com a ajuda de abstrações morais postas sob a égide da religião, da filosofia, ou daquela coisa híbrida que se chama "bom senso". A invocação das normas abstratas não é um erro desinteressado da filosofia, mas um elemento necessário ao mecanicismo da luta de classes. Fazer ressaltar essa tramóia, cuja tradição tem milênios, é o primeiro dever do revolucionário proletário.

A Crise da Moral Democrática

Para garantir o triunfo de seus interesses nas questões de maior importância, as classes dominantes vêem-se obrigadas a ceder alguma coisa nas questões secundárias - mas em medida tal, é evidente, que no final das contas essas

concessões resultem vantajosas. No período do desenvolvimento do capitalismo e sobretudo nos últimos decênios de antes da guerra, essas concessões, pelo menos em relação às camadas superiores do proletariado, foram bem reais. A indústria estava em plena expansão. O bem estar das nações civilizadas - em parte também o das suas massas operárias - aumentava. A democracia parecia indestrutível. As organizações operárias cresciam em número. E, ao mesmo tempo, cresciam também as tendências reformistas. As relações entre as classes faziam-se menos ásperas, pelo menos exteriormente. Estabeleciam-se assim nas relações sociais, ao lado das normas da democracia e dos hábitos da paz social, normas morais elementares. Tinha-se a impressão de se viver numa sociedade que tendia a tornar-se cada vez mais livre, mais justa e mais humana. Ao "bom senso" a curva ascendente do progresso parecia sem fim.

Na realidade não o era. A guerra explodiu, seguida pelo seu cortejo de violentas convulsões, crises, catástrofes, epidemias e retornos à barbárie. A vida econômica encontrou-se num beco sem saída. Os antagonismos de classe agravaram-se e apareceram a nu. Um após outro, viram-se explodir os mecanismos de segurança da democracia. As regras elementares da moral revelaram-se ainda mais frágeis do que as instituições democráticas e as ilusões do reformismo. A mentira, a calúnia, a corrupção, a venalidade, a violência, a coerção, o assassinio, assumiram proporções nunca vistas. Os espíritos simples, confundidos, acharam que se tratava de conseqüências momentâneas da guerra. Na realidade, esta manifestação era, e continua sendo, a manifestação do declínio do imperialismo. A decadência do capitalismo traz consigo a da sociedade moderna, com suas leis e sua moral.

O fascismo, nascido da bancarrota da democracia diante das tarefas da época do imperialismo, é uma "síntese" dos piores males desta época. Traços de democracia conservam-se apenas nas aristocracias capitalistas mais ricas: para cada "democrata" inglês, francês, holandês, belga, trabalha um certo número de escravos coloniais; "sessenta famílias" governam a democracia nos Estados Unidos, etc. elementos de fascismo crescem rapidamente em todas as democracias. O stalinismo é, por sua vez, o produto de pressão do imperialismo sobre o Estado operário, abراسado e isolado e constitui, de certo modo, o complemento simétrico do fascismo.

Enquanto os filisteus idealistas - e, naturalmente, os anarquistas em primeiro lugar - denunciam incansavelmente a "amoralidade" marxista, os trustes americanos gastam, segundo John L. Lewis, mais de oitenta milhões de dólares por ano para combater a "desmoralização" revolucionária, isto é, em gastos de espionagem, corrupção dos operários, imposturas judiciárias, e assassinios. O imperativo categórico segue, às vezes, caminhos muito sinuosos para seu triunfo. Mas é preciso notar, por escrúpulo de equidade, que os mais sinceros e, ao mesmo tempo, os mais limitados dos moralistas pequeno-burgueses vivem, ainda hoje, numa lembrança idealizada do passado e na esperança da volta a esse passado. Eles não compreendem que a moral é uma função da luta de classes;

que a moral democrática respondia às necessidades do capitalismo liberal e progressista; que a feroz luta de classes que domina a nova época destruiu irremediavelmente essa moral; que a moral do fascismo, por um lado, e da revolução proletária, por outro, substituíram-na em duas direções opostas.

O "Senso Comum"

A democracia e a moral "geralmente aceita" não são únicas vítimas do imperialismo. O "bom senso inato em todos os homens" é a terceira vítima. Esta forma inferior do intelecto, sempre necessária, é também, em certas condições, suficiente. O principal capital do bom senso é constituído por considerações elementares obtidas da experiência geral: fique longe do fogo... prefira a estrada principal... não cutuque o cachorro que dorme... etc. etc. Num ambiente social estável, o bom senso é mais do que suficiente para comerciar, curar os doentes, escrever artigos, dirigir um sindicato, votar no parlamento, fundar uma família, crescer e multiplicar-se. Mas, mal ele tenta escapar de seus limites naturais e invadir o campo das generalizações mais complexas, ei-lo que não é mais do que um conglomerado dos preconceitos de determinadas classes, em determinado período. A simples crise do capitalismo o desconcerta; diante de catástrofes como as revoluções, as contra-revoluções e as guerras, o bom senso demonstra sua completa imbecilidade. Para compreender as convulsões "catastróficas" do curso "normal" das coisas, são necessárias qualidades intelectuais mais elevadas, cuja expressão filosófica, até hoje, só o materialismo dialético garantiu.

Max Eastman, que se esforça com sucesso para dar ao "senso comum" a aparência literária mais sedutora, fez da luta contra a dialética uma espécie de profissão. Eastman leva a sério as banalidades conservadoras do "senso comum", e adicionando-lhes seu estilo elegante dá-lhes rótulo de "ciência da revolução". Vindo em auxílio dos esnobes reacionários do Common Sense, Eastman ensina, com inimitável segurança, que, se Trotsky, em vez de inspirar-se na doutrina marxista, tivesse se inspirado no senso comum, não... teria perdido o poder. A dialética interna que até hoje se manifestou no suceder-se das fases de todas as revoluções, não existe para Eastman. Em seu juízo, a reação sucede a revolução porque não se respeita bastante o bom senso. Eastman não compreende que Stalin, no plano histórico, caiu vítima do "senso comum", isto é, das insuficiências do bom senso, porque o poder de que dispõe serve a fins hostis ao bolchevismo. Pelo contrário, a doutrina marxista permitiu-nos romper em tempo com a burocracia de marca termidoriana e continuarmos a servir o socialismo internacional.

Qualquer ciência - e isto vale também para a "ciência da revolução" - deve passar pelo aval da experiência. Eastman, que sabe tão bem como se conserva o poder revolucionário no momento em que a contra-revolução leva a melhor em o mundo, saberá também - é de se esperar - como se conquista o poder. Esperemos então que consinta em revelar-nos seus segredos. E seria ainda

melhor se o fizesse sob a forma de projeto de programa de um partido revolucionário, assim intitulado: "Como conquistar e conservar o poder". Alias temo que seja precisamente o bom senso que impeça Eastman de lançar-se em tão temerária empresa. E, desta vez, o bom senso terá toda a razão.

A doutrina marxista que Eastman - infelizmente - nunca entendeu, permitiu-nos prever o terrível soviético, inelutável em certas condições históricas, com todo o seu cortejo de crimes. O marxismo previra com muita antecipação o inevitável desabar da democracia burguesa e de moral. Pelo contrário, os doutrinários do "bom senso" deixaram-se colher de surpresa pelo fascismo e pelo stalinismo. O bom senso funciona à base de grandezas invariáveis num mundo onde a única coisa invariável é a própria variabilidade. A dialética, pelo contrário, estuda os fenômenos, as instituições e as normas em sua formação, seu desenvolvimento e seu declínio. A atitude da dialética em relação à moral, produto subsidiário e transitório da luta de classes, parece "imoral" aos olhos do senso comum. Todavia, não há nada de mais obtuso, de mais limitado, de mais dotado de cinismo e presunção do que a moral do bom senso!

Os Moralistas e a GPU

O pretexto para a cruzada contra o "amoralismo" bolchevista foi fornecido pelos julgamentos de Moscou. Ainda a cruzada não começou logo em seguida. Os moralistas eram, em sua maioria, amigos do Kremlin, e, como tais, esforçaram-se, durante certo período, em dissimular seu estupor e mesmo em fingir que nada tinha acontecido.

Os processos de Moscou, ainda, não nasceram ao acaso. A servilidade, a hipocrisia, o culto oficial da mentira, o suborno e outras formas de corrupção floresceram abundantemente em Moscou a partir de 1924-25. As futuras imposturas judiciárias prepararam-se à luz do dia, aos olhos de todo o mundo. As advertências não faltaram. Mas os "amigos" não quiseram ver nada. Não há porque espantar-se: a maior parte destes senhores tinha sido fundamentalmente hostil à Revolução de Outubro e só se aproximara da URSS na medida em que se ia desenvolvendo sua degeneração staliniana. Neste momento, a pequena burguesia ocidental reconheceu na pequena burguesia oriental uma alma irmã.

Estes homens acreditaram seriamente nas acusações de Moscou? Só os menos inteligentes lhe prestaram fé. Os outros não se preocuparam. Por acaso, valia a pena perturbar a amizade lisonjeira, confortável e amiúde muito útil que eles mantinham com as embaixadas soviéticas? Além do mais - eles não o esqueciam - a imprudente verdade poderia prejudicar o prestígio da URSS. Estes homens mantiveram silêncio sobre os crimes por razões utilitárias, aplicando assim de modo manifesto a regra: "O fim justifica os meios".

O Sr. Pritt, conselheira de sua majestade britânica, que tivera ocasião de lançar uma olhada sob a toga da Temis stalinista e constatara que suas intimidades se

achavam em bom estado, tomou a si a tarefa de desafiar a vergonha. Romain Rolland, cujos direitos autorais de edições soviéticas influem muito em sua autoridade moral, apressou-se em publicar um de seus manifestos nos quais o lirismo melancólico une-se a um cinismo senil. A Liga Francesa dos Direitos do Homem que, em 1917, condenava o "amoralismo de Lênin e Trotsky" - quando rompiam a aliança militar com a França - apressou-se, em 1936, a encobrir os crimes de Stalin, no interesse do pacto franco-soviético. O fim patriótico, como é notório, justifica qualquer meio. Nos Estados Unidos The Nation e The New Republic fecharam os olhos às façanhas de Yagoda, porque a "amizade" com a URSS transformara-se no penhor de sua autoridade moral. Agora, para esses senhores, o stalinismo e o trotskismo são idênticos. Mas, não faz sequer um ano, eles estavam abertamente com Stalin, pelo seu espírito realístico, pela sua justiça, pelo seu Yagoda. E mantiveram essa sua atitude enquanto lhes foi possível.

Até a execução de Tukatchevsky, Yakir, e outros generais vermelhos, a grande burguesia dos países democráticos observou não sem satisfação, se bem que simulando certa repugnância, o extermínio dos revolucionários na URSS. A este propósito, The Nation e The New Republic, para não falar dos Duranty, dos Louis Fischer, e outras penas prostituídas, responderam em cheio aos interesses do Imperialismo "democrático". Mas a execução dos generais perturbou a burguesia, obrigando-a a compreender que a avançada decomposição do regime stalinista teria podido facilitar o trabalho de Hitler, Mussolini e do Mikado. O New York Times começou a retificar, prudente mas insistentemente - pontaria do seu Duranty. Le Temps deixou filtrar em suas colunas uma débil luz sobre a situação real na URSS. Quanto aos moralistas e sicofantes pequeno-burgueses, estes nunca foram mais do que o eco servil da burguesia. Por fim, quando a comissão presidida por John Dewey pronunciou seu veredito, ficou claro aos olhos de qualquer um dotado de capacidade de raciocínio que defender ainda, à luz do dia, a GPU significava arriscar-se a uma morte política e moral. A partir desse momento, os "amigos" decidiram invocar as verdades eternas da moral; isto é, recuar para suas trincheiras de segunda linha.

Os stalinistas e semi-stalinistas assustados não ocupam o último lugar entre os moralistas. Eugene Lyons durante muitos anos andou de amores com o bando termidoriano de Moscou e considerava-se ele mesmo um quase-bolchevista. Tendo rompido as pontes com o Kremlin - não importa o motivo - encontrou-se logo entre as nuvens do idealismo. Liston Hook gozava, até pouco tempo atrás, de tal crédito junto ao Comintern- que fora encarregado de dirigir a propaganda republicana em língua inglesa para a Espanha. O que, naturalmente, não o impediu de, ao renunciar ao cargo, abjurar, também, seu abecê do marxismo. Walter Krivitsky, tendo-se recusado a voltar para a URSS, e tendo rompido com a GPU, passou-se logo para as bandas da democracia burguesa. A metamorfose do septuagenário Charles Rappaport parece ser do mesmo gênero. Jogado ao mar seu stalinismo, os tipos desta espécie - que são numerosos - nunca falham em procurar nos argumentos da moral abstrata uma compensação para sua desilusão ou seu envilecimento ideológico. Perguntem-lhes porque passaram do

Comintern ou da GPU para o campo da burguesia. Sua resposta está pronta: "o trotskismo não vale mais do que o stalinismo".

Disposição dos Peões no Tabuleiro Político

"O trotskismo é romantismo revolucionário; o stalinismo, política realista". Já nada resta desta antinomia idiota, que servia, até bem pouco, ao filisteu' medíocre para justificar sua amizade com o Termidor contra a Revolução. Em geral, já não se opõe trotskismo a stalinismo; pelo contrário, procura-se identificá-los. Na forma e não na essência. Batendo em retirada até o meridiano do "imperativo categórico", os democratas continuam, na realidade, a defender a GPU, mas de maneira mais covarde, melhor mascarados. Quem calunia as vítimas, colabora com o carrasco. Neste caso, como nos outros, a moral serve à política.

O filisteu democrata e o burocrata stalinista são, se não gêmeos, pelo menos irmãos espirituais. Em todo caso, politicamente pertencem à mesma resma. O sistema de governo da França está hoje baseado na colaboração das stalinistas, dos socialistas e dos liberais. O mesmo ocorre na Espanha, aos quais se juntam os anarquistas. Se o Independent Labour Party £9- da Inglaterra tem um aspecto tão lastimável é porque durante vários anos não se subtraiu dos abraços do Comintern. O partido socialista francês expulsou os trotskistas exatamente no momento em que se preparava para a fusão orgânica com os stalinistas. E, se essa fusão não se realizou, não foi por causa de divergências de princípios - que resta dos princípios? - mas porque os arrivistas socialistas tiveram medo de comprometer sua carreira. Voltando da Espanha, Norman ThomasL declarou que os trotskistas "ajudavam objetivamente" a Franco. E, graças a essa absurda explicação subjetiva, o mesmo Sr. Norman Thomas forneceu uma ajuda "objetiva" aos carrascos da GPU. Este apóstolo expulsava os trotskistas de seu partido no momento exato em que a GPU fuzilava seus camaradas na URSS e na Espanha. Em muitos países democráticos, os stalinistas, apesar de seu "amoralismo," infiltram-se, com sucesso, nos serviços estatais. Nos sindicatos andam em lua-de-mel com os burocratas de todos os tons. Os stalinistas, é verdade, tratam com leviandade o código penal, coisa que, em tempos pacíficos, assusta um pouco aos seus amigos "democratas"; mas, noutras ocasiões, como aconteceu na Espanha, eles transformam-se, com maior razão, em chefes da pequena burguesia na luta contra o proletariado.

A Segunda Internacional e a Federação Sindical Internacional de Amsterdão não assumiram, é óbvio, a responsabilidade das falsificações, preferindo deixá-la ao Comintern. Guardaram silêncio. Em conversas pessoais, seus expoentes sustentavam que, do ponto de vista moral, condenavam Stalin, mas que, do ponto de vista político o aprovavam. Apenas quando a Frente Popular na França revelou irreparáveis rachaduras, quando os socialistas franceses tiveram que pensar em seu próprio futuro, é que Leon Blum achou no funda de seu tinteiro as

indispensáveis fórmulas da indignação moral.

Otto Bauer lamenta com moderação a justiça de Vichinski apenas para sustentar com maior "imparcialidade" a política de Stalin. O destino do socialismo, segundo recente declaração de Bauer, estaria ligado ao da URSS. "E o destino da URSS é o do stalinismo, enquanto o desenvolvimento interno da própria URSS não tiver superado a fase stalinista." Todo Bauer, todo o austro-marxismo, toda a mentira, toda a podridão da social-democracia estão nessa esplêndida frase!

"Enquanto" a burocracia stalinista estiver bastante forte para exterminar os representantes avançadas do "desenvolvimento interno" da URSS, Bauer ficará com Stalin. Quando as forças revolucionárias derrubarem Stalin apesar de Bauer, ele reconhecerá generosamente - no máximo com uns dez anos de atraso - esse "desenvolvimento interno" !

O Bureau de Londres dos socialistas centristas, que enfeixa harmoniosamente as características de um jardim de infância, de uma escola para adolescentes retardados e de um asilo de velhinhos, arrasta-se ao reboque, das velhas internacionais. Seu secretário, Fenner Broeway, começou declarando que "o inquérito sobre os processos de Moscou poderia prejudicar a URSS" e terminou propondo abrir-se um inquérito sobre...as atividades de Trotsky, constituindo uma comissão imparcial na qual estariam cinco irredutíveis adversários de Trotsky. Brandler e Lovestone declararam-se publicamente solidários com Yagoda; retraíram-se apenas diante de Yezov; Jacob Walcher recusou-se, sob um pretexto manifestamente falso, apresentar à comissão presidida por John Dewey um testemunho que só poderia ser desfavorável a Stalin. A moral apodrecida desses homens não é mais do que um produto de sua política apodrecida.

Mas o papel mais triste cabe provavelmente aos anarquistas. Se o stalinismo e o trotskismo são idênticos, como eles afirmam a toda hora, por que então os anarquistas espanhóis ajudaram a massacrar não só os trotskistas como também os seus próprios camaradas anarquistas que tinham permanecido revolucionários? Os teóricos libertários mais sinceros respondem que esse é o preço do fornecimento das armas soviéticas. Noutras palavras, o fim justifica os meios.

Mas qual é o fim dessa gente? O anarquismo? O socialismo? Não. A salvação da democracia burguesa que abriu as portas ao fascismo." A um fim cujo correspondem meios sujos. Esta é a real disposição dos peões no tabuleiro da política mundial.

O Estalinismo é um Produto da Velha Sociedade

A Rússia empreendeu o mais grandioso salto para frente da História, salto que é a expressão das forças mais progressistas do país. Durante o atual período de

reação, cuja amplitude é proporcional à da revolução, as forças da inércia tornam sua desforra. O stalinismo tornou-se a encarnação desta reação. A barbárie da velha Rússia, ressuscitada sobre novas bases sociais, assume uma feição ainda mais repugnante, porque agora tem de valer-se de uma hipocrisia sem precedentes na História.

Os liberais e social-democratas ocidentais, obrigados pela Revolução de Outubro e pôr em dúvida suas idéias envelhecidas, sentem renascer suas forças. A gangrena moral da burocracia soviética parece-lhes reabilitar o liberalismo. Vêmo-los reeditar os bolorentos aforismos do gênero: "cada ditadura traz em si os germes da própria dissolução", "Só a democracia assegura o desenvolvimento da personalidade", etc. Contrapor-se democracia a ditadura, com o intuito de condenar o regime socialista em nome do regime burguês, revela, do ponto de vista teórico, um espantoso manancial de ignorância e má fé. A infecção do stalinismo, realidade histórica, contrapõe-se a democracia, abstração supra-histórica. Mas a democracia teve ela também uma história, na qual os horrores também não estiveram ausentes. Para definir a burocracia soviética, nós tornamos emprestados da história da democracia burguesa os vocábulos "Termidor" e "bonapartismo", porque - tornem nota os atrasados do liberalismo - a democracia não se estabeleceu com métodos democráticos. Só pobres de espírito podem dar-se por satisfeitos com tais raciocínios sobre o bonapartismo "filho legítimo" dos jacobinos, castigo histórico pelos atentados infligidos à democracia, etc. Sem a destruição do feudalismo pelos métodos jacobinos, a democracia burguesa teria sido inconcebível. Opor a abstração "democracia" às etapas históricas reais - jacobinismo, termidor, bonapartismo - é tão falso como opor às dores do parto a tranqüilidade do recém-nascido.

O stalinismo, por sua vez, não é uma "ditadura abstrata", mas uma grandiosa reação burocrática contra a ditadura proletária num país atrasado e isolado. A Revolução de Outubro anulou os privilégios, declarou guerra às discriminações sociais, substituiu a burocracia pelo autogoverno dos trabalhadores, aboliu a diplomacia secreta; esforçara-se para dar a mais completa transparência a todas as relações sociais. O stalinismo restaurou as formas mais ofensivas de privilégio, conferiu à desigualdade um caráter provocativo, sufocou com absolutismo policial a atividade espontânea das massas, fez da administração um monopólio da oligarquia do Kremlin, ressuscitou o fetichismo do poder sob formas que a própria monarquia absoluta não tivera sequer coragem de sonhar.

A reação social, qualquer que seja ela, é mascarar seus fins verdadeiros. Quanto mais brutal é a passagem da revolução à reação, mais a reação depende das tradições da revolução. Em outras palavras, mais a reação teme as massas, e mais é obrigada a recorrer à mentira e à impostura em sua luta contra os revolucionários. As falsificações e imposturas stalinistas não são fruto do "amoralismo" bolchevista; como todos os ventos importantes da História, são o produto duma luta social concreta, a mais perversa e dura: a luta de uma nova aristocracia contra as massas que a levaram ao poder.

É preciso ter realmente uma total indigência intelectual e moral para identificar a moral reacionária e policial do stalinismo com a moral revolucionária do bolchevismo. O partido de Lênin deixou de existir desde longa data; as dificuldades internas e o imperialismo mundial o quebraram. A burocracia stalinista, que o sucedeu, representa um aparelho de transmissão do imperialismo. Na política mundial, a burocracia substituiu a luta de classe pela colaboração de classe, o internacionalismo pelo social-patriotismo-. Para adaptar o partido dirigente às necessidades da reação, a burocracia "renovou" a composição do PC soviético com o extermínio dos revolucionários e o recrutamento de arrivistas.

Qualquer reação vencedora ressuscita, alimenta e reforça os elementos do passado histórico que a revolução golpeará sem conseguir aniquilar. Os métodos stalinistas levam à mais alta tensão - e portanto ao absurdo - todos os procedimentos de mentira, de brutalidade e de aviltamento que constituem o mecanismo do poder em qualquer sociedade dividida em classes, sem exclusão de democracia. O stalinismo é um conglomerado das monstruosidades do Estado assim como a história o criou; e é também sua mais funesta caricatura e a máscara mais repugnante. Quando os representantes da velha sociedade opõem de maneira sentenciosa à gangrena do stalinismo uma estéril abstração democrática, temos bem o direito de recomendar-lhe, como a toda a velha sociedade no espelho deformante do termidor soviético. É verdade que, pela audácia de seus crimes, a GPU supera de longe qualquer outro regime. Isto, porém, é consequência da grandiosidade dos eventos que convulsionaram a Rússia sob a influência desmoralizante da era imperialista.

ppágina da Início

Moral e Revolução

Não faltam entre os liberais e radicais homens que, por terem assimilado os métodos materialistas de interpretação dos acontecimentos, se consideram marxistas. Isto, todavia, não impede que continuem sendo jornalistas, professores ou homens públicos burgueses. Não é preciso dizer que é impossível conceber-se o bolchevista sem o método materialista, na moral como em qualquer outro campo. Mas esse método não lhe serve apenas para interpretar os acontecimentos, serve-lhe também para construir o partido revolucionário do proletariado, tarefa que só pode ser cumprida num clima de absoluta independência em relação à burguesia e à sua moral. Ora, a opinião burguesa domina de fato, completamente, o movimento operário oficial, de William Green nos Estados Unidos a Garcia Oliver na Espanha, passando por Leon Blum e Maurice Thorez na França. O caráter reacionário da época atual encontra nesse fato sua expressão mais profunda.

O marxista revolucionário não pode enfrentar sua tarefa histórica sem ter rompido moralmente com a opinião pública da burguesia e de seus agentes no

seio do proletariado. Esta ruptura exige coragem moral de calibre bem diferente daquela dos que andam berrando nas reuniões públicas: "abaixo Hitler, abaixo Franco!". E é precisamente esta ruptura decisiva, profundamente meditada, irrevogável, dos bolchevistas com a moral conservadora, seja da grande como da pequena burguesia, que incute um medo mortal aos palavreadores da democracia, aos profetas de salão, aos heróis de escrivatinhas. É nesse medo que se originam suas lamentações sobre o "amoralismo" dos bolchevistas.

Sua maneira de identificar a moral burguesa com a moral "em geral" demonstra-se talvez, com maior evidência, na extrema esquerda da pequena burguesia, mais exatamente nos partidos centralistas do chamado Bureau Socialista Internacional de Londres. Já que essa organização "reconhece" o programa da revolução proletária, nossas divergências e confrontos com ela parecem, a primeira vista, secundárias. Na realidade, sua "aceitação" do programa revolucionário não tem qualquer valor, já que não a obriga a nada. Os centristas "reconhecem" a revolução proletária como os kantianos reconhecem o imperativo categórico, isto é, como um princípio sagrado mas inaplicável na vida cotidiana. Na política prática, eles se unem aos piores inimigos da revolução, reformistas e stalinistas, para a luta contra nós. Seu pensamento é impregnado de duplicidade e hipocrisia. Se, de modo geral, não chegam a crimes clamorosos, é porque estão sempre no último plano da política. São, em certo sentido, os ladrões de galinhas da história. Exatamente por isso crêem-se enviados para regenerar o movimento operário com uma nova moral.

Na extrema esquerda desta confraria de "esquerda" coloca-se um pequeno grupo, sem qualquer significação política, de emigrados alemães que publicam a revista Neuer Weg (Novo Caminho). Vamos nos abaixar um pouco e prestar atenção a estes críticos "revolucionários" do amoralismo bolchevista. O Neuer Weg, assumindo o tom de um elogio ambíguo, escreve que os bolchevistas se distinguem positivamente dos outros partidos pelo fato de que não têm hipocrisias: eles proclamam em voz alta o que os outros fazem escondido e, assim, aplicam, por exemplo, o princípio "os fins justificam os meios". Segundo Neuer Weg, esta regra "burguesa" é incompatível com um "sadio movimento socialista". "A mentira e coisas piores, não são meios consentidos na luta de classes, como ainda pensava Lênin". Ainda significa, nesse caso, que Lênin não teve tempo de desfazer-se de suas ilusões, porque morreu antes da descoberta do "novo caminho" (Neuer Weg).

Na expressão "a mentira e coisas piores", a segunda parte significa, evidentemente, a violência, o assassinio, etc, porque, em paridade de condições, a violência é pior que a mentira, e o assassinio é a forma extrema da violência. Chegamos assim à conclusão de que a mentira, a violência e o assassinio são incompatíveis com "um sadio movimento socialista".

Mas o que dizer da revolução? A guerra civil é a mais cruel das guerras. Não pode ser concebida sem violências exercidas sobre terceiros e, tendo-se em

conta a técnica moderna, sem a morte de velhos e crianças. É preciso lembrar a Espanha? A única resposta que poderiam dar os "amigos" da Espanha republicana é que a guerra civil é preferível à escravidão fascista. Mas essa resposta absolutamente certa significa apenas que o fim (a democracia ou o socialismo) justifica, em certas circunstâncias, meios como a violência e o homicídio. E nem vale a pena falar da mentira! A guerra é tão inconcebível sem a mentira como uma máquina sem graxa. Com o único fim de proteger a assembléia das Côrtes das bombas fascistas, o governo de Barcelona enganou, várias vezes e deliberadamente, os jornalistas e a população. Poderia ter feito de outra maneira? Quem quer o fim - a vitória sobre Franco - têm que acentuar os meios: a guerra civil e seu acompanhamento de horrores e crimes.

Mas a mentira e a violência por acaso não são coisas condenáveis "em si mesmas"? Por certo, como é condenável a sociedade dividida em classes que se engendra. A sociedade sem antagonismos sociais será, evidentemente, sem mentira e sem violência. Mas não é possível lançar uma ponte para ela senão com métodos violentos. A própria revolução é o produto da sociedade dividida em classes, da qual ela leva necessariamente a marca. Do ponto de vista das "verdades eternas" a revolução é, naturalmente, "imoral". Mas isso significa apenas que a moral idealista é contra-revolucionária, isto é, encontra-se a serviço dos exploradores.

"Mas a guerra civil - dirá talvez o filósofo tomado de surpresa - é uma penosa exceção. Em tempos de paz um sadio movimento socialista deveria evitar a mentira e a violência". Esta não é mais que uma piedosa escapatória. Não existe uma nítida linha divisória entre luta de classes "pacífica" e revolução. Cada greve contém em germe todos os elementos da guerra civil. As duas partes contrapostas esforçam-se para assustar o adversário, dando uma imagem exagerada de seu grau de resolução e de seus recursos materiais. Graças a sua imprensa, seus agentes e espiões, os capitalistas procuram intimidar e desmoralizar os grevistas. Por seu lado, os piquetes de greve, quando a persuasão revela-se inoperante, são obrigados a recorrer à força. Vê-se assim que "a mentira e coisas piores" são inseparáveis da luta de classes, mesmo em sua forma embrionária. Resta acrescentar que as próprias noções de mentira e verdade nasceram das contradições sociais.

Início da página

A Revolução e os Reféns

Stalin faz prender e fuzilar os filhos de seus adversários, que por sua vez foram fuzilados sob falsas acusações. As famílias servem-lhe de reféns para obrigar a voltar do estrangeiro aqueles diplomatas soviéticos tão audazes a ponto de por em dúvida a infalibilidade de Yagoda ou Yezov. Os moralistas de Neuer Weg lembram, a propósito disso, que "também Trotsky" valeu-se em 1919 de uma lei

sobre os reféns. Vale a pena citar textualmente: "A prisão por parte de Stalin das famílias inocentes é uma barbaridade revoltante. Mas essa é uma ação bárbara também quanto ordenada por Trotsky (1919)". Eis a moral idealista em toda a sua beleza! Seus critérios são tão mentirosos quanto as próprias normas da democracia burguesa. Pressupõe, nos dois casos, uma igualdade onde não há sombra de igualdade.

Não vamos insistir sobre o fato de que o decreto de 1919, muito provavelmente, não fez fuzilar nenhum dos parentes dos oficiais, cujas traições nas custavam inúmeras vidas e ameaçavam sufocar a revolução. No fundo, não é disso que se trata. Se a revolução não tivesse manifestado, desde o começo, uma inútil generosidade, milhares de vidas teriam sido poupadas em seguida. Seja como for, assumo inteira responsabilidade pelo decreto de 1919. Foi uma medida necessária na luta contra os opressores. Esse decreto, como toda a guerra civil, que bem se poderia chamar com razão uma "barbaridade revoltante", não tem outra justificação histórica que o objetiva histórica da luta.

Deixemos a Emil Ludwig e seus similares a tarefa de elaborar-nos quadros de Abraão Lincoln com asinhas cor-de-rosa. A importância de Lincoln consiste no fato de que, para alcançar o grande fim histórico exigido pelo desenvolvimento do jovem povo americano, não recuou diante das medidas mais rigorosas, quando foram necessárias. A questão não é sequer saber quais dos beligerantes que infligiram ou padeceram as perdas mais graves. A história tem medidas diversas para as crueldades dos nortistas e sulistas na Guerra da Secessão. Que miseráveis eunucos não nos venham dizer que o escravagista que com q mentira e a violência agrilha um escravo, está, diante da moral, no mesmo plano que o escravo que com a mentira e a violência quebra seus grilhões!

Quando a Comuna de Paris foi afogada no sangue e a canalha reacionária de todos o mundo arrastou pelo pó sua bandeira, apareceram muitos filisteus democratas prontos a condenar, junto com a reação, os comunards que tinham fuzilado sessenta e quatro reféns, entre os quais o arcebispo de Paris. Marx não hesitou um só instante em assumir a defesa dessa sanguinolenta ação da Comuna. Na circular do Conselho Geral da 'Internacional, Marx relembra - e a lava borbulha sob suas palavras - que a burguesia usou o sistema de reféns na luta contra os povos coloniais e na luta contra seu próprio povo. E em seguida às execuções sistemáticas dos comunards prisioneiros, pelos reacionários: "Para defender a vida de seus combatentes prisioneiros, não restava à Comuna senão recorrer ao método dos reféns, habitual aos prussianos. A vida dos reféns foi perdida e reperdida pelo fato que os versalheses continuavam fuzilando os prisioneiros. Teria sido possível poupar os reféns depois da horrível carnificina com que os pretorianos de MacMahon celebraram seu ingresso em Paris? O último contrapeso oposto à barbárie do governo burguês - a tomada de reféns - deveria transformar-se numa irrisão?"

Esta foi a linguagem de Marx a propósito da execução dos reféns, apesar de ter

pelas costas, no Conselho da Internacional; um certo número de Fenner Brocway, Norman Thomas e outros semelhantes indivíduos à la Otto Bauer, A indignação do proletariado mundial diante das atrocidades cometidas pelos versalheses era ainda tão grande que os escrevinhadores reacionários preferiram ficar calados, esperando tempos melhores - tempos que, infelizmente, tardaram em chegar. Os moralistas pequeno-burgueses, unidos aos funcionários das trade-unions e aos palavreadores anarquistas só torpedearam a primeira Internacional quando a reação triunfou definitivamente.

Quando a Revolução de Outubro resistia às forças coligadas do imperialismo numa frente de oito mil quilômetros, os operários de todo o mundo seguiam essa luta com uma simpatia tão ardente que teria sido arriscado denunciar diante deles a tomada de reféns como uma "barbárie revoltante". Foram necessários a total degeneração do Estado soviético e o triunfo da reação em vários países para que os moralistas saíssem de suas tocas... e acorressem em socorro de Stalin. Com efeito, se as medidas repressivas adotadas para defender os privilégios da nova aristocracia têm o mesmo valor moral das medidas revolucionárias adotadas na luta libertadora, Stalin está plenamente justificado, a menos que... a revolução proletária seja condenada em bloco.

Os senhores moralistas, apesar de procurarem exemplos de imoralidade na guerra civil russa, são obrigados a fechar os olhos sobre o fato de a guerra civil na Espanha também ter restabelecido a lei dos reféns, pelo menos na época em que houve uma verdadeira revolução das massas. Se os detratores ainda não se permitiram condenar essa "barbaridade revoltante" dos operários espanhóis, é porque o solo da península ibérica ainda está muito quente sob seus pés. É muito mais cômodo, para eles, apelar para 1919. Já é História. Os velhos tiveram tempo de esquecer, os jovens ainda não tiveram tempo de aprender. Pela mesma razão, os fariseus de todos os matizes apeiam para Kronstadt e MachnoU. As secreções morais podem aqui ter livre curso !

Início dapágina

A "Moral dos Hotentotes"

A história percorre estradas cruéis, é preciso convir com os moralistas. Mas que conclusão retirar disto para a atividade prática? Tolstoi aconselhava aos homens ignorar as convenções sociais e melhorar a si próprios. O Mahatma Gandhi aconselha beber leite de cabra. Infelizmente, os moralistas revolucionários do Neuer Weg não andam longe de tais receitas.

"Nós devemos - pregam - libertar-nos da moral dos hotentotes, segundo os quais é mau apenas aquilo que o inimigo faz". Admirável conselho! "Nos devemos libertar-nos..." Também Tolstoi recomendava libertar-nos do pecado da carne. As estatísticas não nos revelam que sua propaganda tenha tido sucesso. Nossos homúnculos centristas conseguiram elevar-se aos pináculos de uma moral acima

das classes, numa sociedade dividida em classes. Mas já se passaram quase dois mil anos desde que foi dito: "amai vossos inimigos... Oferecei a outra face..." E todavia nem o próprio Papa de Roma conseguiu libertar-se do ódio para com seus inimigos. Satã, o inimigo do gênero humano, é deveras muito poderoso!

Aplicar diferentes critérios às ações dos exploradores e dos explorados seria, segundo esses homúnculos, colocar-se no nível da "moral dos hotentotes". Perguntemo-nos antes se cabe a "socialistas" professar um tal desprezo pelos hotentotes (povo da África meridional). Sua moral é de fato tão desprezível? Eis o que diz a enciclopédia britânica: "Nas relações políticas e sociais dão prova de muito tato e inteligência; são muito valorosos, belicosos e hospitaleiros; foram honestos e sinceros até que o contato com os brancos tornou-os suspeitos, vingativos e ladrões, isto é, até que não absorveram a maioria dos vícios dos europeus." Não se pode deixar de concluir que os missionários brancos, pregadores da moral eterna, contribuíram para a corrupção dos hotentotes.

Se contassem a um trabalhador hotentote que os operários, insurgidos em algum lugar do mundo, colheram de surpresa seus opressores, ele se alegraria. Ficaria, pelo contrário, desolado, ao saber que os opressores conseguiram enganar os oprimidos. O hotentote que os missionários não corromperam até a medula, jamais aceitará aplicar as mesmas normas de moral abstrata aos opressores e aos oprimidos. Pelo contrário, ser-lhe-á fácil compreender a explicação de que o objetivo destas normas é precisamente o de impedir a revolta dos oprimidos contra os opressores.

Coincidência edificante: para caluniar os bolchevistas, os missionários de Neuer Weg tiveram que caluniar contemporaneamente os hotentotes; e, em ambos os casos, a calúnia segue as pegadas da mentira oficial burguesa: contra os revolucionários e contra os povos de cor. Decididamente, nós preferimos os hotentotes a todos os missionários religiosos ou laicos!

Mas não valorizemos excessivamente o grau de consciência dos moralistas da Neuer Weg e de outros da mesma resma. Suas intenções não são assim tão más. É inconscientemente que servem de instrumento na engrenagem da reação. Numa época como a nossa, quando os partidos pequeno-burgueses agarram-se à burguesia ou à sua sombra, (política de "Frentes Populares"), paralisando o proletariado e abrindo caminho ao fascismo (Espanha, França), os bolchevistas, isto é, os marxistas revolucionários, são particularmente visados pela opinião pública burguesa. A mais forte pressão política de nossos dias exerce-se da direita para a esquerda. Em última instância, todo o peso da reação acumula-se sobre os ombros de uma pequena minoria revolucionária. Essa minoria chama-se IV Internacional. Eis o inimigo!

O stalinismo ocupa na engrenagem da reação muitas posições dominantes. De uma maneira ou de outra, todos os grupos da sociedade burguesa, anarquistas incluídos, correm em seu auxílio contra a revolução proletária. Enquanto isso, os

democratas pequeno-burgueses tentam fazer recair, pelo menos em cinquenta por cento, os odiosos crimes de seu aliado moscovita sobre a irredutível minoria revolucionária. Este é o significado do dito agora em moda: "Trotskismo e estalinismo são idênticos". Os adversários dos bolchevistas e dos hotentotes ajudam, assim, a reação a cobrir de calúnias o partido da revolução.

Início dapágina

O "Amoralismo" de Lenine

Os "socialistas revolucionários" russos foram sempre homens dos mais morais; no fundo, não eram mais do que pura ética. O que não os impediu de enganar os camponeses durante a revolução. No órgão parisiense de Kerensky, este socialista ético que foi precursor de Stalin nas falsificações contra os bolchevistas, o velho "socialista revolucionário" Zenzinov escreve: "Lênin ensinou, como se sabe, que, para atingir o objetivo almejado, os bolchevistas podem, e às vezes devem, usar qualquer estratégia, como o silêncio e a dissimulação da verdade..." (Novaia Rossia, 17-2-38). E daí retira a conclusão ritual: o stalinismo é filho legítimo do leninismo.

Infortunadamente esse detrator moral não é sequer capaz de reproduzir honestamente uma citação. Lênin escreveu: "É necessário saber adaptar-se a tudo, a todos os sacrifícios e até, se necessário for, usar várias estratégias, enganos, procedimentos ilegais, usar o silêncio, a dissimulação da verdade para penetrar nos sindicatos, permanecer neles, desenvolver neles a qualquer custo a anã comunista." A necessidade dos estratégias e dos enganos, segundo a afirmação de Lênin, deriva do fato de que a burocracia reformista, entregando os operários ao capital, perseguia os revolucionários e chamava mesmo a polícia burguesa contra eles. "O engano e a dissimulação da verdade" não são, nesse caso, mais do que os instrumentos duma legítima defesa contra a perfídia duma burocracia reformista.

Em outros tempos, o partido de Zenzinov combateu na ilegalidade o velho regime e depois o bolchevismo. Em ambos os casos valeu-se de enganos, estratégias, falsos passaportes, e outras formas de "dissimulação da verdade". Todos esses meios eram por eles considerados não apenas morais, mas até heróicos, porque correspondiam aos fins da democracia pequeno-burguesa. Mas a situação muda quando são os revolucionários proletários que se vêem obrigados a recorrer aos meios da ilegalidade contra essa democracia. A pedra de toque da moral desses senhores possui, como se vê, um caráter de classe!

O "amoralista" Lênin recomenda abertamente pela imprensa usar os enganos de guerra para com os dirigentes que traem o movimento operário. O 'moralista Zenzinov corta conscientemente este texto para enganar seus leitores. Este acusador tão moralista é, como de hábito, um astutozinho sem envergadura. Tinha razão Lênin ao repetir que é terrivelmente difícil encontrar um adversário

de boa fé!

O operário que não esconde do capitalista a "verdade" sobre as intenções dos grevistas é um puro e simples traidor, que não merece senão o desprezo e o boicote. O soldado que comunica a "verdade" ao inimigo é punido como espião. O próprio Kerenski tentou acusar fraudulentamente os bolchevistas de ter comunicado a "verdade" aos chefes do estado-maior de Ludendorff. A "verdade sagrada" não é, pois, um fim em si? Ela é dominada por critérios imperativos que, a análise o demonstra, revestem-se de um caráter de classe.

Uma luta de morte não pode ser concebida sem astúcias de guerra; em outros termos, sem a mentira e o engano. Os proletários alemães não podem por acaso enganar a polícia de Hitler? Os bolchevistas soviéticos, por acaso, faltarão à moral enganando a GPU? O honesto burguês aplaude a polícia quando esta consegue, pelo engano, capturar um criminoso. E o engano não seria permitido quando se trata de derrubar os criminosos do imperialismo?

Norman Thomas fala "do estranho amoralismo comunista que nada leva em conta senão o partido e seu poder" (Socialist Call, 12 de março de 1938). Ao dizer isto, Thomas confunde o atual Komintern, isto é a conspiração da burocracia stalinista contra a classe operária, com o partido bolchevista que encarnava o complô dos operários avançados contra a burguesia. Refutamos acima, suficientemente, esta identificação de todo desonesta. O stalinismo camufla-se com o culto do partido, mas na realidade destrói o partido e o arrasta pela lama. Mas é verdade que o partido é tudo para o bolchevista. Esta atitude do revolucionário para com a revolução surpreende e contraria o socialista de salão Thomas, que não é senão um burguês dotado de um "ideal" socialista. Aos olhos de Norman Thomas e de seus semelhantes, o partido não é outra coisa senão o instrumento das combinações eleitorais e similares. A vida privada do homem, suas relações, seus interesses, sua moral, estão fora do partido. Thomas olha com aversão, misturada ao estupor, o bolchevista para quem o partido é o instrumento da transformação revolucionária da sociedade, inclusive da moral dessa sociedade. Não poderia haver no revolucionário marxista contradição entre a moral pessoal e os interesses do partido, porque o partido abraça na sua consciência as tarefas e os fins mais elevados da humanidade. Seria, portanto, ingênuo supor que Thomas tem da moral uma noção mais elevada que os marxistas. O que ele tem é apenas uma idéia muito mais baixa do partido.

"Tudo o que nasce é digno de perecer" diz o dialético Hegel. O fim do partido bolchevista - um episódio da revolução mundial - não diminui a importância deste partido na história mundial. Na época de sua ascensão revolucionária, isso é, quando representava realmente a vanguarda proletária, era o partido mais honesto da história. Quando o pôde, naturalmente enganou as classes adversárias, mas disse a verdade aos trabalhadores, toda a verdade, nada mais do que a verdade. Só em virtude disso ganhou sua confiança, como nenhum outro partido no mundo.

Os assalariados das classes dominantes tratam o fundador deste partido como um imoral. Aos olhos dos operários conscientes, essa acusação é uma honra. Significa que Lênin recusava desdenhosamente submeter-se às normas morais estabelecidas pelos escravocratas para os escravos e que os próprios escravocratas nunca observam para uso próprio; significa que Lênin convidava o proletariado a estender a luta de classes ao plano da moral. Aquele que se inclina perante as regras estabelecidas pelo inimigo jamais vencerá!

O "amoralismo" de Lênin, isto é, sua recusa em admitir uma moral superior às classes, não impediu de permanecer toda a vida fiel a um mesmo ideal; de consagrar-se inteiramente à causa dos oprimidos, de mostrar-se extremamente escrupuloso na esfera das idéias e intrépido na ação, de não assumir nunca atitudes de superioridade em relação ao "simples operário", da mulher sem defesa, da criança. Não parece, nesse caso, que o "amoralismo" é a mais elevada forma da moral humana?

12ªgin da Início

Um Episódio Edificante

Vale a pena referir aqui um episódio, em si de pequena importância, que todavia ilustra muito bem a diferença entre a nossa moral e a deles. Em 1935, numa carta a alguns amigos belgas, sustentava a tese segundo a qual um jovem partido revolucionário que tentasse criar seus "próprios sindicatos" marchava em direção ao suicídio. É preciso ir de encontro aos operários onde quer que eles estejam. Mas isso significa pagar as cotas para a manutenção de um aparelho oportunista? Evidentemente, respondia eu, o direito de minar os reformistas é preciso pagá-la. Mas os reformistas nos permitirão desenvolver contra eles um trabalho de desagregação? Evidentemente, respondia ainda, o trabalho de desagregação exige algumas precauções conspirativas. Os reformistas constituem a política da burguesia no seio da classe operária. É preciso saber agir sem sua permissão e apesar de suas proibições... Durante uma batida policial na casa do companheiro D., se não me engano por causa de um fornecimento de armas feito à Espanha operária, a polícia belga apoderou-se dessa minha carta. Alguns dias depois ela era publicada. A imprensa de Vandervelde, de De Man e de Spaak não economizou seus raios contra meu "maquiavelismo" e meu "jesuitismo". Mas quem eram meus censores? Desde longos anos presidente da Segunda Internacional, Vandervelde, há muito tempo, é o homem de confiança do capital belga. De Man, depois de ter por anos enobrecido o socialismo em maciços volumes, gratificando-o com uma moral idealista e encostando-se na escapatória da religião, aproveitou a primeira ocasião para enganar os operários e tornar-se um vulgar ministro da burguesia. O caso de Spaak é ainda mais clamoroso. Dezoito meses atrás, esse senhor, que pertencia à oposição socialista de esquerda, viera me pedir conselho sobre os métodos de luta a usar-se contra a burocracia de Vandervelde. Eu lhe exprimira as mesmas idéias que mais tarde formaram

minha carta. Um ano após, ele renunciava aos espinhos para ficar com a rosa. Traíndo seus amigos da oposição, tornava-se um dos mais cínicos ministros do capital belga." Nos sindicatos e em seu partido, esses senhores sufocam qualquer crítica, desmoralizam e corrompem sistematicamente os trabalhadores mais avançados, expelindo os indóceis não menos sistematicamente. Estes cavalheiros não se distinguem da GPU senão pelo fato de que, no momento, procedem sem derramamento de sangue; em sua qualidade de bons patriotas, reservam o sangue operário para a próxima guerra imperialista. E fique claro: é preciso ser um enviado do inferno, um "pretendente", um bolchevista, para dar aos operários revolucionários o conselho de observar na luta contra esses senhores as regras da conspiração!

Do ponto de vista da legalidade belga, minha carta não continha nada de delituoso. A polícia de um país democrático tê-la-ia restituído ao destinatário pedindo desculpas. A imprensa de um partido socialista devia ter protestado contra uma batida organizada no interesse do general Franco. Os senhores socialistas, pelo contrário, não se melindraram em obter uma vantagem através de um serviço de sua polícia; sem a qual teriam perdido a ocasião favorável de demonstrar ainda uma vez a superioridade de sua moral sobre o amoralismo bolchevista.

Tudo é simbólica nesse episódio. Os socialistas belgas deram largas à sua indignação contra mim, no exato momento em que seus companheiros noruegueses guardavam-me sob chave, juntamente com minha mulher, para que não nos pudéssemos defender das acusações da GPU. O governo norueguês sabia perfeitamente que as acusações de Moscou eram inventadas; o órgão oficioso da social-democracia norueguesa o escreveu claramente e com todas as letras desde o primeiro dia. Mas Moscou tocou no bolso dos armadores e comerciantes de peixe noruegueses, e os senhores social-democratas puseram-se logo de joelhos. O chefe do partido Martim Tramael é uma autoridade em matéria de moral; é um justo; não bebe, não fuma, é vegetariano, e no inverno toma banho de água gelada. O que não o impediu de, após ter-nos feito aprisionar por ordem da GPU, convidar o agente norueguês da GPU, Jacob Friese, um burguês sem honra nem consciência, a caluniar-me de maneira particular. Mas basta isso...

A moral destes senhores consiste em regras gerais e procedimentos oratórios destinados a mascarar seus interesses, seus apetites, seus temores. Em sua maioria, eles estão prontos a todas as baixezas - à abjuração, à perfídia, à traição - por ambição e lucro. Na sagrada esfera dos interesses pessoais, para eles o fim justifica qualquer meio. É por isso mesmo que necessitam de um código moral particular, prático e ao mesmo tempo elástico, como um bom par de suspensórios. Eles detestam quem quer que seja que revele perante as massas seus segredos profissionais. Em tempos de "paz", seu ódio exprime-se por meio de calúnias, vulgares ou "filosóficas". Quando os conflitos sociais assumem forma mais aguda, como aconteceu na Espanha, estes moralistas entram em

acordo com a GPU para exterminar os revolucionários. Depois, para justificar-se, repetem que "trotskismo e stalinismo são a mesma coisa".

Início da página

Interdependência Dialética Entre Fins e Meios

O meio não pode ser justificado senão pelo fim. Mas também o fim precisa de justificação. Do ponto de vista do marxismo, que exprime os interesses históricos do proletariado, o fim está justificado se levar ao reforço do poder do homem sobre a natureza e à supressão do poder do homem sobre o homem.

Isto significa então que, para atingir este fim, tudo é permitido? - perguntará sarcasticamente o filisteu, demonstrando que não entendeu nada. É permitido, responderemos, tudo aquilo que leve realmente à libertação dos homens. Já que este fim não pode ser atingido senão por via revolucionária, a moral emancipadora do proletariado tem necessariamente um caráter revolucionário. Como aos dogmas da religião, esta moral se opõe a todos os fetiches do idealismo, gendarmes filosóficos da classe dominante. Ela deduz as normas de conduta das leis do desenvolvimento social, isto é, antes de tudo, da luta de classes, que é a lei das leis.

O moralista ainda insiste: Isto significa então que, na luta de classes contra o capitalismo, são permissíveis todos os meios? A mentira, a falsificação, a traição, o assassinio, etc?

Respondemos: são admissíveis e obrigatórios apenas os meios que aumentam a coesão do proletariado, inflamam sua consciência com um ódio inextinguível para com toda forma de opressão, ensinam-lhe a desprezar a moral oficial e seus arautos democráticos, dão-lhe plena consciência de sua missão histórica e aumentam sua coragem e sua abnegação. Donde se conclui, afinal, que nem todos os meios são válidos.

Quando dizemos que o fim justifica os meios, disto deriva para nós que o grande fim revolucionário repudia, entre estes meios, os procedimentos e os meios indignos que lançam uma parte da classe operária contra outra; ou que tentam fazer "a felicidade das massas" sem a sua organização, substituindo-as pela adoração dos "chefes". Acima de qualquer outra coisa, a moral revolucionária condena irreduzivelmente o servilismo para com a burguesia e o desprezo para com os trabalhadores, que é uma das características mais arraigadas na mentalidade dos pedantes e dos moralistas pequeno-burgueses.

Estes critérios, é óbvio, não definem o que é consentido ou não em cada situação determinada. Não existem respostas automáticas deste tipo. As questões da moral revolucionária confundem-se com as questões da estratégia e tática revolucionárias. Somente a experiência viva do movimento, iluminada pela

teoria, pode dar a resposta certa a esses problemas.

O materialismo dialético não separa os fins dos meios. O fim é deduzido de maneira natural do dever histórico. Os meios estão organicamente subordinados ao fim. O fim imediato transforma-se no meio do fim ulterior.

Ferdinand Lassalle em seu drama Franz von Sickingen faz um de seus personagens dizer:

Não indique apenas o fim,
mas mostra também o caminho
porque o fim e o caminho
tão unidos estão
que um muda com o outro
e com ele se move
- e cada novo caminho
revela um novo fim.

Os versos de Lassalle são bastante imperfeitos e, o que é pior, o próprio Lassalle, em sua conduta política prática, abandonou a norma que exprimia nestes termos: sabe-se que chegou inclusive a manter negociações secretas com Bismarck Mas a interdependência entre fins e meios está expressa nestes versos. É preciso semear um grão de trigo se se quiser obter uma espiga de trigo.

O terrorismo individual é ou não admitido do ponto de vista da "moral pura"? Nesta forma abstrata, a pergunta é para nós totalmente desprovida de sentido. Os burgueses conservadores suíços ainda tributam elogios oficiais ao terrorista Guilherme Tell. As nossas simpatias estão sem reservas com os terroristas irlandeses, russos, polacos, hindus, que combatem um jugo político e nacional. Kirov, sátrapa brutal, não suscita em nós a mínima compaixão. E se viéssemos a saber que Nicolaiev o abateu conscientemente com o fim de vingar os operários cujos direitos Kirov espezinhava, nossas simpatias estariam sem reserva com o terrorista. Mas o elemento decisivo aos nossos olhos não é o móvel subjetivo, é a

utilidade objetiva. Um tal meio pode-nos conduzir ao fim? Pelo que se refere ao terrorismo individual, a teoria e a experiência demonstram o contrário. Nós dizemos ao terrorista: "Não é possível substituir as massas; teu heroísmo só pode encontrar aplicação útil no seio do movimento de massas." Nas condições de uma guerra civil, o assassinio de certos opressores deixa de ser terrorismo individual. Se um revolucionário fizer saltar o general Franco e seu estado maior, duvido que este ato sustasse indignação moral mesmo entre os eunucos da social-democracia. Em tempos de guerra civil um ato deste gênero seria politicamente útil. Assim, na questão mais grave - a do homicídio - as normas morais absolutas são de todo inoperantes. O juízo moral está condicionado, como o juízo político, pelas necessidades internas da luta.

A emancipação dos operários não pode ser senão obra dos próprios operários. Não há, pois, crime pior do que enganar as massas, do que fazer passar as derrotas por vitórias e os inimigos por amigos, do que corrompei os chefes, do que inventar lendas, do que fabricar processos judiciais de impostura - enfim, do que fazer o que fazem os stalinistas. Estes meios podem servir apenas a um fim: prolongar o domínio duma camarilha condenada pela História. Não podem servir, porém, à emancipação das massas. Eis porque a IV Internacional sustenta contra o stalinismo uma luta de morte.

As massas, normalmente, não estão isentas de falhas. Não estamos inclinados a idealizá-las. Temo-las visto em múltiplas circunstâncias, em várias fases, em meio às vastas conclusões. Notamos suas fraquezas e suas qualidades. Qualidades: a decisão, a abnegação, o heroísmo que encontram sempre sua mais alta expressão nos períodos de ascenso revolucionário. Nestes momentos, os bolchevistas estão à cabeça das massas. Outro capítulo da história se abre quando se revelam as fraquezas dos oprimidos: heterogeneidade, insuficiência cultural, horizontes limitados. Cansadas, deprimidas, desiludidas, as massas perdem a confiança em si mesmas e cedem lugar a uma nova aristocracia. Neste período, os bolchevistas (os "trotskistas") encontram-se isolados das massas.

Na prática já percorremos dois ciclos análogos: 1897-1905, anos de afluxo; 1907-1913, anos de refluxo; 1917-1923, anos marcados por uma ascensão sem precedentes na história; depois um novo período de reação, que ainda não acabou. Graças a esses eventos, os "trotskistas" aprenderam a compreender o ritmo da história - em outros termos, a dialética da luta de classes. Aprenderam, parece que com sucesso, a subordinar a esse ritmo objetivo seus desígnios subjetivos e seus programas. Aprenderam a não desesperar, porque as leis da história não dependem de nossas inclinações individuais ou de nossos critérios morais. Aprenderam a subordinar suas inclinações individuais a estas leis. Aprenderam a não temer nem mesmo os inimigos mais poderosos, se a potência destes inimigos estiver em contradição com as exigências do desenvolvimento histórico. Sabem nadar contra a correnteza com a profunda convicção de que um novo fluxo histórico de renovada potência os levará a outra margem. Nem todos chegarão: alguns se afagarão ao longo do caminho. Mas participar desse

movimento com os olhos bem abertos, com a máxima tensão da vontade, esta já é par si a suprema satisfação moral que pode ser dada a um ser pensante!

Coyocan, 16 de fevereiro 1938

P.S. Escrevia estas páginas sem saber que nestes dias meu filho lutava contra a morte. Dedico à sua memória este breve trabalho que, espero, teria sua aprovação: porque Leão Sedov era um autêntico revolucionário e desprezava os fariseus.

Notas: Capítulos 10 a 16

(1) Frente Popular - Nome da política adotada nessa época pelas direções dos PCs em todo o mundo. (voltar ao texto)

(2) Barão Wrangel, chefe de um dos exércitos brancos que, em 1920, foram lançados contra o estado operário soviético. (voltar ao texto)

(3) Dirigente sindical norte-americano. (voltar ao texto)

(4) Yagoda, Henry. Chefe de polícia de Stalin que "fabricou" o famoso processo Kirov em 1934. No 22º Congresso, na sessão de 27 de outubro de 1961, Chelipin e Kruchev reconheceram publicamente que esse processo foi um pretexto para se organizarem os tribunais de exceção. (voltar ao texto)

(5) Tukatchevsky e Yakir, heróis da guerra civil, eram os principais e mais talentosos chefes do Exército Vermelho. Tukatchevsky dirigira a modernização do exército, prevendo a luta de tanques e o ressurgir da cavalaria. Durante a guerra civil, foram companheiros de armas de Trotsky, mas, na realidade, pouco se misturaram à luta das facções políticas. Como, porém, acabaram por se opor à decapitação do Exército Vermelho que as purgas de milhares de oficiais estavam a provocar, os seus tímidos protestos terminaram na sentença de morte. Por ocasião do 20.º Congresso, foram reabilitados. (voltar ao texto)

(6) No 20.º Congresso, Kruchev reconheceu explicitamente que a decapitação do Exército Vermelho, a purga dos marechais e generais competentes, aliados à incompetência do próprio Stalin em matéria militar, foram os responsáveis pelo colapso inicial do Exército Vermelho e pela perda de milhões de vidas. (voltar ao texto)

(7) Comissão John Dewey: John Dewey, pedagogo e filósofo materialista norte-americano, não comprometido na luta interna do Partido Comunista e do governo soviético, que esteve à cabeça de uma comissão de personalidades semelhantes, encarregada de julgar, fora da URSS, o valor das acusações proferidas pela justiça soviética contra Trotsky e os revolucionários bolcheviques. As conclusões da Comissão John Dewey demoliram todo o jogo de calúnias e falsificações

montadas por Estaline. voltar ao texto)

(8) Comintern, abreviação de Internacional Comunista ou III Internacional. Foi fundada em 1919 por Lênine e Trotsky. Este redigiu o manifesto da fundação. (voltar ao texto)

(9) Independent Labour Party: pequeno partido centrista formado na Inglaterra nos primeiros anos da década de 1930, em parte como reação à evolução de direita seguida na direção do Labour Party por Mc Donas, em parte como consequência da onda do movimento de massas na Europa, naqueles anos. O Independent Labour Party formou, com uma série de pequenos partidos semelhantes, o chamado Bureau de Londres, agrupamento de centristas que se negavam a marchar para a construção da IV Internacional, mas que, no entanto, aceitaram algumas das críticas trotskistas ao estalinismo, à degenerescência do Estado Operário Soviético e da Internacional Comunista. De todos eles já não restava nada no começo da 2ª Guerra Mundial. (voltar ao texto)

(10) Norman Thomas: líder do Partido Socialista Norte-Americano. (voltar ao texto)

(11) Bauer, Otto: Principal líder do Partido Social-Democrata austríaco. Morreu na exílio em 1939, depois do desastre da revolução proletária na Áustria (fevereiro de 1934). (voltar ao texto)

(12) O Social-Patriotismo: denominação dada pelos bolcheviques e demais revolucionários internacionalistas à política dos partidos da II Internacional durante a 1ª Guerra Mundial. (voltar ao texto)

(13) Machno foi um chefe anarquista dos camponeses ucranianos. Lutou às vezes contra os brancos, às vezes contra os vermelhos. Kronstadt era o nome da fortaleza naval de Petrogrado, fortemente revolucionária. Os seus marinheiros foram durante vários anos quase que a guarda pretoriana do regime soviético e estiveram entre seus mais decididos combatentes. (voltar ao texto)

(14) GPU: Polícia política soviética. Quando começaram os processos de Moscou, Trotsky acabara de ser expulso da França da "Frente Popular" e obtivera asilo na Noruega, onde o Partido Operário Social Democrata ganhara as eleições. Stalin necessitava do silêncio de seu adversário a qualquer preço. O governo soviético fez pressão sobre os armadores da frota pesqueira norueguesa da qual era importante cliente. Estes, por sua vez apertaram o governo "operário" que prendeu Trotsky e sua mulher incomunicáveis. Trotsky só pôde responder a Estaline quando Diego de Rivera lhe arranhou o asilo mexicano, concedido pelo presidente Cárdenas. (voltar ao texto)

(15) Leão Sedov, organizador e militante da IV Internacional, foi assassinado em Paris pela GPU no hospital onde se encontrava internado. (voltar ao texto)

